

ERIMANTEU

ERIMANTEU

CIRANDA BARROCA

CIRANDA BARROCA

Contos

QUINOTIZ

XXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX PÉREZ

LA FAMILIA

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

CIRANDA BARROCA

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Contes

ÍNDICE

CIRANDA BARROCA	Pág.
AS PÁLPEBRAS	"
PASSADAS LARGAS	"
O HOMEN DE FORA	"
AMORÍNDIO	"

...a primeira vez que se viu a sua ...

...a primeira vez que se viu a sua ...

...a primeira vez que se viu a sua ...

...a primeira vez que se viu a sua ...

...a primeira vez que se viu a sua ...

...a primeira vez que se viu a sua ...

...a primeira vez que se viu a sua ...

...a primeira vez que se viu a sua ...

...a primeira vez que se viu a sua ...

...a primeira vez que se viu a sua ...

...a primeira vez que se viu a sua ...

AS PALPBRAS

...a primeira vez que se viu a sua ...

...a primeira vez que se viu a sua ...

...a primeira vez que se viu a sua ...

AS PÁLPEBRAS

A primeira vez que o vi foi quando acompanhei mamãe à casa de tia Lúcia.

Lá, depois do café com biscoitos de polvilho, entrou na sala um homem alto, muito magro. Estranhei que fosse sentar-se numa cadeira a três passos de nós - mamãe, minha tia e eu - sem nos cumprimentar. Tia Lúcia, percebendo nossa surpresa, foi ao seu encontro e lhe falou em voz baixa. Imediatamente os dois aproximaram-se de nós.

- É Mariana, Gustavo, a mulher do José Carlos. Este é o Alberto, o Bertinho.

Recebi um aperto de mão e depois cada qual voltou para seu lugar e a conversa recomeçou, animadamente, entre mamãe e tia Lúcia.

Apesar de haver puxado sua cadeira para mais perto de nós, o homem alto permaneceu em silêncio, a cabeça reclinada sobre o peito, como se dormisse. Lembre-me bem que, em certo momento, levei um grande susto: o homem levantou inesperadamente a cabeça, olhou-me com insistência.

Vi, então, que tinha dois olhos enormes, protegidos por pálpebras escuras e oleosas que pareciam untadas de graxa, lembrando cavalo.

O homem continuou, por longos minutos, a fitar-me, perturbando-me, deixando-me nervoso e inseguro.

Não sabia onde pousar a vista e, aos poucos, fui sendo possuído por uma grande irritação, um verdadeiro desespero. Comecei a puxar a roupa de mamãe, pedindo-lhe pafa ir embora. Ela, no entanto, entretida na conversa interminável, só me respondia com um apressado "daqui a pouco nós vamos".

Meu suplício ainda durou uns trinta minutos mais, durante os quais aqueles olhos estranhos, fechando e abrindo as pálpebras repetidas vezes, pareciam devorar-me. O homem, conservando os compridos braços cruzados no peito, tinha o aspecto de doente mental.

Depois que partimos, e já em casa, não tive coragem de contar à minha mãe a aflição que senti frente àquele homem repulsivo.

A noite que se seguiu foi atribulada. Tive um esquisito pesadelo, durante o qual avistei, aterrorizado, aquele desconhecido, meio homem, meio cavalo, e que saltava sobre mim, enquanto eu me debatia, tentando fugir de suas patas.

Mas ele voltava, erguia-se, tombava sobre meu corpo. Depois galopava, com a cara sinistra voltada para trás, fechando repetidas vezes as grandes pálpebras, de onde escorria resina negra e oleosa.

Acordei de madrugada, exausto, encharcado de suor. Sentei-me na cama, e assim fiquei até ouvir os primeiros ruídos da madrugada.

Depois os dias se sucederam, na rotina de sempre, diluindo a recordação daquele parente torto que me impressionara tanto.

Quando, meses mais tarde, papai foi transferido para outra comar-

ca, onde morei sete anos, a lembrança daquela figura estranha praticamente se esvanecera de minha memória.

Quando eu completava os estudos na capital, certa tarde, o destino tramou, inesperadamente, novo encontro com o homem das pálpebras de cavalo.

Reencontrei-o num cinema, antes de ter início a sessão e vi que me reconheceu. Sentado duas filas à frente, olhou-me com aqueles olhos assustadores, abrindo-se num sorriso triste e solitário. Senti um temor inexplicável, uma espécie de aniquilamento orgânico, de estremecimento emocional, meio físico.

Forçado a retribuir o cumprimento que me fizera, do que logo me arrependi, vi-o levantar-se e caminhar em minha direção. Segui-lhe os movimentos: pediu licença aos espectadores, que lhe deram passagem, aborrecidos, e veio sentar-se na cadeira vaga, à minha direita. Parecia mais magro, curvo e triste.

- Então você é mesmo o Bertinho, não é? - disse-me em voz baixa, estendendo a mão enorme.

Respondi laconicamente um "sim, sou eu, o Roberto", com ênfase para o Roberto, para que compreendesse que o diminutivo me desagradava.

- Você cresceu muito, Roberto - disse ele, quase ironicamente. Está crescendo, com jeito de homem...

O jeito de homem aumentou-me a má vontade, que não pude disfarçar. Não me considerava, de modo algum, um menino. E ele continuou me aborrecendo, elogiando-me o porte, considerando-me inteligente, bom aluno, bem comportado, num claro e inútil esforço por ser gentil.

Evitava fitá-lo, respondendo monossilabicamente.

Iniciada a projeção do filme, meu aborrecimento alcançou o ponto máximo ao sentir, sobre o rosto, o hálito desagradável do homem. De esguelha, percebi que fazia esforços por atenuar a respiração ofegante.

À certa altura, vi que tirou um lenço do bolso e, com ele, tapou a boca, num gesto nervoso para conter o acesso de tosse. Fiquei certo, então, que era tuberculoso, em tratamento na capital.

Minha aflição chegou ao paroxismo, causando-me verdadeiro martírio, pois sempre fui dominado por medo mórbido de contatos.

No interior daquele cinema, lembrei-me de meu pai, dizendo, na sala de visitas, ao grupo de amigos:

- "Meu filho Bertinho é um misóforo!..."

E ficava apreciando o efeito do vocábulo raro sobre os ouvintes, que o apoiavam.

A imagem de meu pai, revivida na memória, misturava-se com as cenas do filme, projetado na tela. Além disso, a presença incômoda do tio torto, sentado a meu lado, fazia-me crescer o tormento e a impaciência.

Experimentei uma espécie de vertigem, como se alguma coisa apertasse minha cabeça. Meu desespero crescia quando o bafio da tosse do homem me envolvia. Para evitá-lo, chegava-me para o lado oposto, procurando ar puro. Mas era inútil.

Comecei a prender a respiração, transpirando muito, possuído por grande mal-estar.

Quando já pensava em partir, surgiu dele próprio a solução inesperada. Aproximou o rosto ofegante e me falou:

- Roberto, preciso sair! Espero você lá fora, depois da sessão.

Levantou-se e vi seu vulto desaparecer na obscuridade da sala. Respirei aliviado, libertado da angústia. Mas a tosse continuou persistindo em meus ouvidos, infestando o salão.

Terminada a projeção, o desprazer de reencontrá-lo afligiu-me de novo o espírito. Não seria possível evitá-lo, pois o cinema só tinha uma saída, numa rua lateral.

Ao sair, avistei-o, ansioso, olhando para as pessoas que deixavam o cinema, meio ofuscadas pela luz de fora. Vendo-me, veio depressa ao meu encontro.

Naquele dia tio Gustavo atormentou-me até tarde, e fez questão de me levar de volta à casa em seu automóvel.

Quando se despediu, apertou-me demoradamente a mão, o rosto pálido, as pálpebras grossas piscando repetidamente. Desembaracei-me de sua mão úmida e entrei quase correndo. Da janela do quarto ainda o vi, na calçada, um vulto de sombra.

Custei a adormecer. Depois daquele dia horrível eu estava exausto, enervado, deplorando o desagradável encontro no cinema. Ao mesmo tempo, sentia por ele uma grande piedade, como se pressentisse sua morte próxima. Talvez por isso se apegasse tanto aos jovens, como eu.

Mas nele, efetivamente, o que mais me incomodava eram aquelas grandes pálpebras, ocultando e deixando ver o olhar estupidificado, perplexo.

Comecei também a piscar, o suor alagando minha fronte, o cobertor pesando-me como chumbo.

Arremessei as cobertas para longe, tentei apagar da memória aquelas visões incômodas. Mas ^{as} pálpebras de tio Gustavo cresciam, como se estivessem num abismo, para onde eu era atraído.

Só consegui dormir mais tarde. No sono aquelas pálpebras continuaram a torturar-me, avançando e se afastando lentamente. Tornei a sentir o hálito insalubre, fustigando-me o rosto. E, no meio da noite, meu pai gritava como possesso:

- "Meu filho é um misóforo! Meu filho é um misóforo!"

No dia seguinte, quando mamãe me disse que a irmã de tio Gustavo telefonara, avisando que ele passava mal, não tive coragem de contar-lhe o episódio da véspera, nem o pesadelo da noite.

Meus pais se preparavam para visitá-lo, insistindo para que eu os acompanhasse. Não tive jeito de escapular, e fui também.

Ao chegar, vimos o médico que saía com expressão desalentada. Compreendemos que ia morrer.

Na sala de visitas algumas pessoas choravam. Fomos depois levados ao quarto do moribundo.

Ele estava estendido na cama, os olhos fechados, as grandes pálpe-

bras pousadas, como as asas tranqüilizadas de um morcego.

Avancei de mansinho, temendo acordá-lo. Quando estava a poucos metros da cama vi que suas pálpebras se abriram, repentinamente, sobresaltando-me. Aquele olhar aflito vagou pelo quarto, como se procurasse alguma coisa.

Quando me divisou, com alegre surpresa, começou a piscar excitadamente. E sorriu, tentando balbuciar meu nome. Logo depois pendeu a cabeça para o lado, teve um espasmo, como se quisesse tossir. Mas emudeceu e, pouco depois, faleceu.

Entreabertas, deixando ver parte dos olhos, aquelas pálpebras oleosas se imobilizaram para sempre.

Tia Lúcia começou a chorar e o padre, que dizia orações monocórdias, aproximou-se do leito e jogou água benta.

Depois estendeu a mão e fechou as pálpebras do cadáver. Ele ficou mais morto ainda.

Toquei com as mãos meu próprio rosto. Estava alagado de suor. Percebi, então, que minhas pálpebras estavam duras como pedra.

an aliado de governo passou ao conhecimento dos seus chefes de
serviço e da imprensa, e assim se deu a conhecer a todos.

Logo depois disso, o governo, por meio de um decreto, deu
a conhecer a todos a sua política, e assim se deu a conhecer a todos.

Logo depois disso, o governo, por meio de um decreto, deu
a conhecer a todos a sua política, e assim se deu a conhecer a todos.

Logo depois disso, o governo, por meio de um decreto, deu
a conhecer a todos a sua política, e assim se deu a conhecer a todos.

Logo depois disso, o governo, por meio de um decreto, deu
a conhecer a todos a sua política, e assim se deu a conhecer a todos.

Logo depois disso, o governo, por meio de um decreto, deu
a conhecer a todos a sua política, e assim se deu a conhecer a todos.

Logo depois disso, o governo, por meio de um decreto, deu
a conhecer a todos a sua política, e assim se deu a conhecer a todos.

Logo depois disso, o governo, por meio de um decreto, deu
a conhecer a todos a sua política, e assim se deu a conhecer a todos.

Logo depois disso, o governo, por meio de um decreto, deu
a conhecer a todos a sua política, e assim se deu a conhecer a todos.

Logo depois disso, o governo, por meio de um decreto, deu
a conhecer a todos a sua política, e assim se deu a conhecer a todos.

PASSADAS LARGAS

PASSADAS LARGAS

O calçamento da rua vai recolhendo os passos nervosos de Júlio na pequena ponte de cimento. O suave deslizar das águas conduz-lhe o pensamento para imagens de tortura e obsessão.

"Decidi tudo neste lugar - relembra, com nitidez. Lembro-me do vulto de Dora, debruçado nesta balustrada. Enquanto afagava-lhe o rosto, fui amadurecendo o plano. Se não tomasse logo uma decisão, o risco da complacência arruinaria minha vida.

"Dora percebeu que minha mão, acariciando-lhe o corpo, transmitia um enorme desespero, um ciúme carregado de ressentimento. Não quis, entretanto, confessar nada. O silêncio dela fazia crescer meu tormento".

Agora Júlio ultrapassa o pequeno arco da ponte e, de novo, pisa os paralelepípedos da rua.

Tem a certeza de que a execução de "apenas uma parte do plano" não iria solucionar-lhe o destino. Alguma coisa misteriosa ainda ficaria por fazer; algum liame ligando sua alma a outras almas permaneceria intocado. Pensando nisto, caminha para o outro gesto, a outra saída para a noite de angústia.

Necessita descansar, seus pés começam a doer. Mas pode não chegar a tempo. Apressa, então, o passo, deixando que seus pensamentos também se acelerem e retornem ao lar convulsionado. Dora devia estar banhada em sangue, estirada na cama, em agonia.

Inexplicavelmente vai ficando calmo, à medida que seus passos o conduzem para longe daquele aposento perdido na obscuridade, para longe daquele corpo ferido.

Aproxima-se do outro homem, culpado de tudo, e isto enrijece ainda mais sua determinação.

"Dora, com certeza, está morta... Ou talvez esteja agonizando... Deve sofrer muito, só, naquele quarto patético, o sangue exaurindo, a vida escoando, lentamente... Talvez alguém tenha ouvido os gritos, veio prestar-lhe socorro... Mas isto não é possível, a casa fica recuada, em centro de terreno; ninguém ouviria! Que morra, ora, que morra! O primeiro gesto foi feito, agora é acabar com tudo, não deixar nada por fazer! Depois é fugir, abandonar esta cidade miserável!"

Caminha mais depressa, preso à própria angústia.

O interior do quarto não está inteiramente escuro. A claridade tênue, chegando da lâmpada de um poste, recobre paredes e móveis deslocados no recinto: cadeiras tombadas, um vaso caído, o tapete amarranhado, com marcas da luta de vida e morte. No leito, jaz um corpo.

Um raio de luz ilumina a metade da cama e parte do corpo de Dora.

Sobre o leito há marcas de sangue, manchando a colcha e lençol.

Se puder alcançar a porta, jogar-se na escada, esperar que alguém passe pela rua, talvez se salve. Mas a dor que sente é terrível e sua carne lateja com os golpes da lâmina. Uma dor insuportável, como uma

tenaz comprimindo-lhe o corpo, faz Dora crispar-se, em contração dolorosa.

A dor depois vai desaparecendo, pouco a pouco. Dora busca, então, compreender as coisas terríveis que aconteceram. Mas não consegue fixar os pensamentos, alagados de aflição.

Deve estar morrendo. Sente subir um torpor ardente, uma grande sonolência. Mas ainda ouve o velho relógio marcando uma inútil precisão. Ainda faltam algumas horas para o amanhecer. Começa a readquirir a luz, apreende tudo o que se passa em sua volta.

Tenta levantar-se, alcançar o comutador da lâmpada, chamar por socorro. Mas as pontadas voltam a dilacerar-lhe a garganta sufocada pelo sofrimento. Fica estendida na cama, esperando a morte, minutando as dores que chegam em intervalos cada vez mais curtos, cada vez mais fortes, como no parto. Mas não consegue pesar a verdadeira gravidade de seu estado. Sabe, unicamente, que está ferida, que foi apunhalada e que a morte está próxima, o sangue escoa e uma angústia enorme pulsa no peito. Sente o frêmito da vida, tenta juntar o resto de força que lhe sobra.

Agora, trazendo alívio, uma inesperada tranquilidade esvazia-lhe o espírito de tormento.

Recorda-se, vagamente, de uma sensação de frio cortando as entranhas, endurecendo os músculos. E tudo tombara no escuro, dando-lhe vertigem, fazendo-a perder a consciência das coisas. Quando, mais tarde, acordou, não viu ~~o~~ o marido. Ao frio sucedera um forte calor, ardendo no corpo, da cabeça aos pés. As dores voltaram, enlouquecendo-lhe as lembranças confusas.

Debatera-se em delírio, as feridas latejando, trazendo náusea. Sentia a cabeça no fundo das águas, turbilhonando.

Quando abriu os olhos, tudo recomeçou. Pouco a pouco foi delimitando a situação: a porta entreaberta, a luz entrando com leveza, a cadeira tombada, a lâmpada quebrada, roupas esparramadas, todo o quarto afetado pela luta, com as marcas da tragédia.

Depois a dor ressurgiu, a lancinante dor que lhe estrangulava a respiração, lhe queimava os poros, lhe abria de espanto os olhos, diante dos quais o mundo parecia desabar.

Dora avista Júlio chegando do espaço, vibrando a faca, a luz da lâmpada flutuando no quarto, descendo, subindo, a cadeira se pondo de joelhos, como se rezasse terço com Madre Rosário, no colégio interno, puxando a prece, compõe a ladainha, ecoando na capela.

Tudo se dissolve. Depois surge o resto de Roberto, descendo pelo fio da luz.

Os lábios de Dora abrem-se num sorriso agônico. Ergue o resto, oferece a boca, mas o que recebe não é um beijo, mas a dor lancinante que volta a pulsar.

"Deus do céu, de novo?!... Madre Rosário, me salve, me salve, pelo amor de Deus!..."

Volta a escapar de si mesma, fica esperando a morte, o fim de tudo, o alívio. Fecha os olhos e aguarda. Mas nada acontece.

Acalma-se, apaziguada, recordando: Roberto cruza o caminho, na direção essencial, e Júlio se afasta, como eco do passado, que ela tenta esquecer. Parece ouvir a voz envolvente do amante, que lhe dissera, dias atrás: "Não pode viver mais ao lado dele, Dora! É uma coisa que já morreu!..."

Naquela noite, recostada com Júlio na balaustrada da ponte, afastara-o de si, irritada com sua carícia.

Agora está prestes a morrer. Sabe que também Roberto vai morrer, porque a amara, reclamando o direito de ser feliz. Direito que Júlio negava, com sangue.

"Deve estar chegando à casa de Roberto, ou talvez já o tenha matado. Meus Deus, não posso fazer nada para salvá-lo?!..."

Os passos de Júlio são lentos e curtos, ferem o calçamento de pedra. Estranha que tudo tivesse sido tão simples; bateu à porta e esperou.

O vulto sonolento de Roberto, o espanto, a exclamação aflita: - "Júlio, o que houve, o que tem você?!..."

A luta, a faca vibrando, rompendo as vísceras, o corpo tombando, entre gemidos.

Atirou a faca no matagal, afastou-se do lugar. Agora pensa na fuga, no trem das cinco. São três horas, há tempo, não precisa correr.

"Por que não tenho pressa, agora que tudo foi feito? Estou vivo, meus músculos estão rijos, por que esta aflição, esses passos que se encaminham para casa?... Engraçado, volto pelo mesmo caminho, e é só virar a esquina, esperar o trem e partir! Os dois estão mortos, agora é tocar para a frente! Que vão para o inferno! Vou descansar um pouco, estou exausto!..."

"Acho que vou conseguir... Vou conseguir, meu Deus!..."

Dora reúne forças, ergue o corpo, procura colocar as pernas fora da cama. Mas tomba, não pode sustentar o corpo. Uma dor lancinante volta a queimá-la por dentro. "Não consigo, é inútil, estou perdida, vou morrer!"

"Pode ter ficado alguma mancha de sangue na roupa" - pensa Júlio, recostado no muro. E, efetivamente, encontra uma mancha no paletó.

"É melhor limpar, pode chamar a atenção".

Molha o lenço numa peça de água, esfrega no tecido, desmanchando a nódoa.

Manchas de sangue também maculam a camisola de Dora, o lençol, a fronha, o cobertor, o assoalho.

Naquela distante manhã, quando tentava fugir de "seu" Mesquita, da casa vizinha, ferira-se na cerca de arame, avistara o sangue pingando no chão.

Outras lembranças também ressurgem do fundo do tempo, abrindo frestas, deixando entrar restos de vida. Revê os lençóis da cama, no hotel da montanha, com nódoas de seu próprio sangue, na noite de núpcias. Ou o sangue do cachorro morto, à beira da estrada.

O vulto de Dora, com os olhos dilatados pelo terror, agora repon-ta com força na lembrança de Júlio. Revê o corpo jovem, delineado sob o tecido leve.

"Diabo, gostava muito de Dora, de seu corpo, que agora está ferido!"

Seus pensamentos são aflitos e o fazem hesitar: "Talvez não fosse preciso matar..."

Levanta-se instintivamente do lugar onde repousava. Recomeça a caminhar, voltando apressadamente para casa.

Ainda flutuam na memória de Dora resíduos da vida que escoou, pouco a pouco: a fazenda, o cavalo a galope, o banho no riacho, o cheiro de terra molhada, o curral, a mangueira, o capim orvalhado...

Enternece-se, ao reviver aquelas lembranças da infância, aflorando como pausa poética.

Ao pensamento de Júlio ressurgem, no entanto, lembranças infestadas de angústia e remorso.

"Que diabo, era só matar o Roberto, levar Dora para longe, recomençar a vida, sem ninguém para atrapalhar!..."

Com os músculos tensos, Júlio volta-se rancoroso contra si mesmo. Um enorme remorso atormenta-lhe o espírito, comprimindo a cabeça, fazendo-a latejar.

"E se Dora ainda não morreu?!... Se estiver viva, puder ser socorrida?!..."

Acelera a caminhada e seus passos ressoam na noite espantada, fazendo calar grilos e sapos.

No pensamento de Dora só emergem, contudo, passos leves e irreais, como se temessem acordar os que dormem.

Pisa suavemente os velhos corredores do colégio, aproxima-se da cela de Madre Rosário e suplica:

- "Madre Rosário, me socorra, pelo amor de Deus!..."

Mas só escuta, como resposta, uma voz longinqua, quase inaudível:

- "Reze, minha filha, reze muito, peça perdão por seus pecados..."

Agora Júlio passa diante do casarão do colégio das freiras e suas passadas largas espantam o silêncio compungido.

Ali conhecera Dora, vestida com a saia azul-marinho, a blusa branca, os cabelos soltos. Seguiria-a de longe, intimidade, e assim fizera outras vezes.

Sobre o rosto lívido de Dora percebe-se agora uma grande doçura, uma espera compassiva, cheia de pureza, contrastando com o sangue que coagula nos lençóis, no vestido, no assoalho.

Fiapos de lembranças flutuam na memória: o canarinho com a asa partida, o papagaio rasgado, o irmão caçula chorando, a mãe morta, o caixão humilde, o resto sofrido de pai, sem nada entender.

"Preciso chegar a tempo! Ainda posso salvar Dora!"

Júlio repete, para si próprio, as palavras de derradeira esperança. Corre pela rua, desesperado.

"Não vai morrer, posso salvá-la, vou chegar a tempo!"

Transpira pelo corpo inteiro e uma grande fadiga exaure-lhe as últimas forças.

A esperança de salvá-la cresce como uma certeza que o enrijece.

Dora, no quarto, lívida, imóvel, deixa escapar o derradeiro alento de vida. Suas lembranças se dissipam, como uma névoa que lhe fecha para sempre os olhos extenuados.

O H O M E M D E F O R A

O H O M E M D E F O R A

O HOMEM DE FORA

Atravessando a pequena mata alcançava-se o lago. A paisagem circundante era diferente daquela a que estávamos habituados. Uma vegetação espessa dobrava-se sobre a água, lembrando uma faixa de renda na orla dos vestidos. Uma trilha conduzia ao outro lado, espremida entre duas pontas de terra pantanosa, onde cresciam plantas ribeirinhas.

Caminhávamos, Ricardo e eu, com cuidado, evitando o atoleiro. Grandes pedras, próximas umas das outras, indicaram-nos o lugar procurado.

A casa era realmente a descrita: pequena, velha, com a porta rachada. Temíamos aquele lugar por um motivo efetivamente inusitado: o homem nos ameaçara de morte, convidando-nos àquela entrevista que, segundo ele, iria elucidar a situação.

Entramos na cabana prevenidos, e Ricardo pronto para sacar o revólver, que trazia sob o paletó. Só vimos três compartimentos, inteiramente vazios. Sentamo-nos, em silêncio, em bancos de madeira que encontramos nos fundos. Sabíamos, na verdade, que estávamos vivendo uma aventura estranha.

Só Ricardo conhecia nosso tardio hospedeiro e, sobre isto, começou a falar, em tom baixo:

- Não sei porque fiz a besteira de me meter com aquele homem, Luiz. Eu o conheci no primeiro dia de sua chegada à cidade. Ele despertara minha curiosidade por seu modo inusitado de andar, a cabeça pendendo para baixo, as mãos fincadas nos bolsos. Nunca o vi conversando com algum habitante da cidade, exceto com o hoteleiro, a quem se dirigia laconicamente, com maneiras autoritárias. No hotel o que mais me intrigava era seu completo isolamento. Fazia as refeições num canto da sala, com gestos comedidos e silenciosos. Era, enfim, o que se pode chamar uma figura estranha, um esquisitão, um energúmeno.

Fez uma pausa, acendeu um cigarro, deu umas tragadas e continuou:

- Desejei conhecê-lo para desvendar o segredo. Mas temia uma aproximação, e os dias foram passando. Certa noite, ao sair do cinema, tive uma boa oportunidade para conhecê-lo. A pequena entrada da sala de projeção, única porta de acesso e saída, provocava, ao término das sessões, grande ajuntamento de espectadores, ansiosos por livrar-se do ambiente viciado da sala. Os que saíam primeiro iam postar-se à beira da calçada, esperando os retardatários, aumentando a confusão.

- Foi quando vi - prosseguiu Ricardo, numa daquelas situações, o estranho homem que saía, solene, vestindo roupa escura. Não chegara a descer o pequeno degrau do cinema quando, de súbito, um acontecimento chamou minha atenção. Perto dele, um homem gordo, com óculos de aro preto, plantado no nariz montanhoso, dirigiu-lhe palavras ríspidas. Aproximei-me e então ouvi parte da alteração:

- "O senhor é muito atrevido! Percebi perfeitamente os olhares

insistentes que dirigiu à minha mulher!"

- Formou-se em torno dos dois - seguiu Ricardo narrando - uma pequena aglomeração, tumultuada pelos frequentadores do cinema que desejavam sair. Gente era empurrada, protestando, dando cotoveladas. Algumas mulheres começaram a gritar, crianças choraram. O homem de óculos, cada vez mais exaltado, estava a ponto de agredir o desafeto. Foi quando me interpús entre os dois, tentando acalmá-los, chamando-os à razão. O desconhecido, depois de permanecer absolutamente calmo, impassível, falou então:

- "Desculpe-me, senhor, mas eu havia reparado que sua distinta senhora se parece extraordinariamente com minha irmã Graciema, que não vejo há muitos anos".

Ricardo acendeu de novo o cigarro, que apagara, deu algumas baforadas e continuou a narrativa:

- Todos os olhares convergiram para a senhora que, pálida, meio assustada, presenciava o incidente de um canto. Ouvindo-o dizer-lhe o nome, saiu do torpor e, inesperadamente, exclamou, jubilosa:

- "Joel, mas... é você, Joel?... Não pode ser! Me disseram que havia morri..."

- A última palavra, meio sinistra, foi interrompida, como se, de repente, o medo a retivesse. O homem de óculos presenciava a cena meio apavorado, procurando entender o que se passava. A mulher, dominando as emoções, explicou, finalmente, ao marido:

- "Olhe, Lucas, este é meu irmão mais velho, o Joel, que eu não via há mais de vinte anos!"

- Os três então se abraçaram, enquanto a multidão se dispersou, comentando o incidente. Nada mais tendo a fazer naquele lugar, afastei-me também, mas continuei a observá-los de longe. Desceram a rua, conversando animadamente e, mais adiante, dobraram a esquina.

- Fiquei sabendo, mais tarde, que Joel se mudara para a casa da irmã, e lá passara a residir oficialmente. Certo dia, de forma inesperada, fui abordado por ele na rua. Queria agradecer minha interferência no incidente à porta do cinema. Falou-me discretamente, com cordialidade. Encontramo-nos outras vezes e, certo dia, fui convidado a jantar em casa de sua irmã e cunhado. Fui lá, mas depressa me arrependi da decisão.

- Arrependeu-se? - perguntei, intrigado, enquanto Ricardo jogava o cigarro pela janela.

- Foi um jantar penoso - explicou meu companheiro - decorrido em atmosfera constrangedora. Longos silêncios pontuaram nossa conversa fria, convencional, vez e outra agravada por uma exclamação pueril da dona-de-casa. Notei algo de pesado, de inexplicável naquela família, como se guardasse um estranho mistério. Deixei aborrecido aquela casa, onde nem a comida me agradou, muito menos o vinho, que era de má qualidade.

- Só meses mais tarde fiquei sabendo da história infeliz e insólita do sr. Joel.

- Insólita?!... - estranhei.

- Sim - prosseguiu Ricardo, pois fora expulso da família e da cidade,

50

onde residia e era respeitado até conhecer a mulher que foi a causa de sua desgraça. Era muito jovem, com apenas 15 anos, e se apaixonara por Joel, que tinha mais de 40. Nunca se soube, na verdade, se ele correspondeu ao afeto da adolescente. O fato é que a cidade ficou indignada com a estranha mancebia. A incontinência erótica do homem havia afrontado os rígidos princípios morais e religiosos da província. Deveria pagar caro por isso.

Ricardo interrompeu a narrativa e foi espiar pela janela. Não viu ninguém e voltou a dizer:

- Os parentes da menina, gente humilde, juraram vingança, e isto obrigou Joel a se mudar rapidamente da cidade, após declarar que não se casaria de forma alguma com a menina. Aplacou a fúria dos parentes com polpuda importância em dinheiro. E, daquela forma, escapou da comunidade exaltada. Ninguém soube de seu paradeiro e, durante anos, a família não teve notícias dele. Graciema, a irmã caçula, casara-se com Lucas, o homem dos óculos e, por uma circunstância fortuita, já relatada, reencontrou-o na cidade onde fora morar.

- Esta foi a narrativa que Lucas me fez - explicou Ricardo. Durante certo tempo encontrei-me algumas vezes com os três curiosos personagens, sem que nossas relações se estreitassem.

Neste ponto meu interlocutor suspendeu a narrativa. Ficamos em completo silêncio, um silêncio expectante, nervoso. Fui espiar a janela. Ninguém. Voltei a sentar-me e falei ao companheiro de aventura:

- Ainda não compreendi bem a ameaça de morte...

Ricardo levantou-se, acendeu outro cigarro e então esclareceu:

- Vou explicar este fato, Luiz. Certa tarde, passando por uma das estreitas ruas da cidade, perto da "Zona", avistei-o, caminhando à frente. Diminuí os passos e passei a observar os movimentos que fazia. Ele dobrou a esquina, seguiu por uma viela escura, cercada de casas humildes de taipa. Levado pela curiosidade, segui-o por algum tempo até vê-lo entrar numa morada menos tosca, quase no fim da ruela. Passei rapidamente diante dela e percebi, de relance, que o homem fora recebido por uma mulher. Caminhei alguns metros e depois voltei, intrigado, lutando contra dois pensamentos antagônicos: um, que instava para que terminasse com aquela curiosidade mórbida, próxima do desatino, e o outro, menos prudente e sensato, que espicaçava minha curiosidade, animando-me a persistir na espionagem. Como sou, e sempre fui, homem teimoso, dispus-me a desvendar aquele mistério de qualquer maneira, atraído pela personalidade incommon daquele homem.

Um acesso de tosse fez Ricardo interromper novamente a narrativa. Atirou fora o cigarro e exclamou:

- Preciso deixar esta peregrina!

- Você é teimoso até no vício, Ricardo! - comentei para o amigo. Faça como eu, que sou homem, e não rater ^{nasque} a carteira de cigarro e pare de fumar, definitivamente!

- Já tentei uma vez - disse Ricardo - mas duas horas depois com-

prei outro maço... Acho que sou um rato!...

Rimo-nos da brincadeira e, por algum tempo, ficamos em silêncio. Depois pedi:

- Continue a história. Você parou num ponto importante.

- Não foi difícil descobrir a identidade da mulher - prosseguiu Ricardo. Um morador vizinho, desentupidor de pias, e que já fizera serviços em minha casa, contou-me que Joel freqüentava assiduamente aquela casa. Disse-me também que ficara sabendo que a mulher viera de uma cidade distante para juntar-se ao amante. Era só o que sabia, comentando ao terminar:

- "É uma gente esquisita, doutor!..."

- Mais tarde, esmiuçando aqui e acolá, descobri que a mulher da ruela era a mesma adolescente que, anos atrás, se tornara amante daquele quarentão energúmeno. Transformara-se numa pessoa solitária, precocemente envelhecida, decadente, e parecia continuar sob o domínio do amante, incapaz de fugir de sua despótica influência.

- Passei a dedicar ao corruptor cínico um insopitável sentimento de desprezo. Comecei a tramar sua expulsão da cidade, até que, dias atrás, recebi a ameaça de morte.

Subitamente, os passos de alguém que se aproximava interromperam o relato de meu amigo. Levantamo-nos, tensos, esperando.

Pouco depois a porta ranguu, deixando entrar o objeto de nosso irresistível interesse. Vinha só, sem qualquer atitude de ameaça, ou de rancor. Pelo contrário, sua figura era tímida, curva, humilde, acovardada.

Veio ao nosso encontro e, antes de dizer palavra, caiu num choro convulsivo. Penalizados, nós o levamos a sentar-se no banquinho, procurando confortá-lo:

- Ora, ora, senhor Joel, não há motivos para isto! Acalme-se, fique certo de que não queremos fazer-lhe nenhum mal! Estamos aqui para ajudá-lo, somos seus amigos...

Ao ouvir estas últimas palavras, o homem depressa se recompôs: ergueu a cabeça e reconquistou a dignidade. Depois enxugou os olhos, que voltaram a ser duros, e respondeu, com rispidez:

- Os senhores não são meus amigos! São intrigantes, bisbilhoteiros! Não tenho amigos nesta cidade! Não admito hipocrisias!

- Alto lá, senhor Joel! - respondi, com o brio ofendido. Acho bom calar esta boca, senão vai se dar mal! Viemos ao seu encontro com boa vontade, convidados pelo senhor mesmo! Não admitimos desaferos!

O homem acalmou-se, ficou menos agressivo, quase intimidado. Convidou-nos a sentar, tirou um cigarro, acendeu-o, tragou, expeliu a fumaça, em silêncio. Isto nos permitiu observá-lo melhor. Apesar da marca de sofrimento, visível no rosto, tinha uma aparência distinta, os cabelos embranquiçados, o olhar pensativo e distante. Qualquer coisa, na verdade, parecia amargurá-lo por dentro, tornando-o tenso e melancólico.

Depois de duas ou três tragadas, recomeçou a falar:

- Os senhores se meteram em minha vida, como outras pessoas desta

cidade. Ninguém tem nada a ver com ela, e nem a Deus presto contas de meus atos, pois Deus, se realmente existe, não deve perder tempo com essas miudezas. Mas já que os senhores se preocupam tanto com ela, advirto-os, pela primeira e última vez, que aquela mulher, com a qual já me viram, sofre de doença mental incurável. Não fosse meu desvelo, minha constante assistência, já teria se matado. Dedico-lhe amparo permanente e uma integral devoção. Não devo nada a ninguém, vivo exclusivamente de meus proventos, não me envolve em questões alheias, e exijo que tenham o mesmo procedimento comigo!

Depois de dizer isto, ergueu-se, jogou fora o cigarro, abriu a porta e saiu.

Ficamos, Ricardo e eu, imobilizados pelo espanto, mudos e contrangidos por longos segundos. Em seguida, atônitos, envergonhados, despedimo-nos em silêncio, incapazes de qualquer comentário. E partimos, cada qual para seu lado.

Na manhã seguinte, despertamos sob o impacto da notícia do suicídio de Joel e de sua protegida.

Fomos ver os corpos, na casinha humilde da periferia.

Estavam estendidos na cama, enrijecidos pelo veneno. Tinham as mãos dadas e, em seu rosto, não descobrimos nenhum sinal de sofrimento.

AMORÍNDIO

Em 1911, no Brasil, a primeira vez que se viu a palavra "amoríndio" em um livro, foi em um livro de um autor brasileiro, que se chamava "O Amoríndio".

Essa palavra, que se chama "amoríndio", vem do português antigo, e significa "amoríndio", que é uma palavra que se usa para designar a pessoa que ama a pessoa que se chama "amoríndio".

Em 1911, a palavra "amoríndio" foi usada pela primeira vez em um livro de um autor brasileiro, que se chamava "O Amoríndio".

Em 1911, a palavra "amoríndio" foi usada pela primeira vez em um livro de um autor brasileiro, que se chamava "O Amoríndio".

Em 1911, a palavra "amoríndio" foi usada pela primeira vez em um livro de um autor brasileiro, que se chamava "O Amoríndio".

AMORÍNDIO

Em 1911, a palavra "amoríndio" foi usada pela primeira vez em um livro de um autor brasileiro, que se chamava "O Amoríndio".

AMORÍNDIO

No Brasil do século XVI, nos primórdios do descobrimento, guerreiros Tupinambás deixaram a aldeia, no litoral da Bahia, e partiram para uma cruenta expedição contra a tribo de inimigos, que chamavam de Tupinaês, isto é, "Tupis maus, ou perversos".

"Essas gentes vagabundas que, guerreando sempre, povoavam o terreno que hoje é do Brasil - escreve Varnhagen - eram, pela maior parte, verdadeiras emanações de uma só raça ou grande nação, isto é, procediam de uma origem comum, e falavam dialetos da mesma língua, que os primeiros colonos do Brasil chamaram geral, e era a mais espalhada das principais de todo este continente".

"O fim da guerra - prossegue o historiador - era mais fazer prisioneiros, para os escravizar, ou para tomar vingança, que invadir um país para prear as povoações, o que, sem embargo, também sucedia. Empreendia-se a guerra principalmente na época próxima à da maturação do milho, dos aipins ou dos cajus; porque isso permitia celebrar melhor o sacrifício dos prisioneiros com os vinhos que dessas substâncias se tiravam".

Na taba, com a partida da expedição guerreira, permaneceram índios armados e, principalmente, mulheres, crianças e velhos, entregues às ocupações normais, indo às roças, queimando, limpando e plantando a terra, "buscando a água à fonte, fazendo de comer, fabricando balaies e outras vasilhas a seu modo, e do seu uso, juntando arcos e flechas, e alguns empalhados e lavrados de branco e preto, feitiço de muito artifício fazendo cestos de varas, a que chamam samburá, e outras vasilhas em valores, como as de rota da Índia; fazendo carapuças e capas de penas de pássaros, e outras obras de pena do seu uso, dando tinta de vermelho e amarelo às penas brancas, e também contrafazendo as penas dos papagaios com sangue de rãs, arrancando-lhes as verdes, e fazendo-lhes nascer outras amarelas; fazendo mais estes índios, os que são principais, redes lavradas de labores de esteiras, e de outros laços, e umas cordas tecidas, a que chamam muçuranas, de algodão, que tem o feitiço dos cabos de cabresto que vem de Foz" (Gabriel Soares de Sousa: "Notícia do Brasil").

A aldeia aborígene compunha-se de grandes casarões chamados de ocas, construídos de paus e algum barro, cobertos de folha de pindoba, tendo, como dimensão, uns 150 pés de comprimento, 14 de largura e 12 de altura. Nos jiraus, ou alpendradas, erguidos junto ao teto, guardavam-se utensílios e comestíveis.

"Os Tupinambás - informa Gabriel Soares de Sousa - são homens de meia estatura, de cor muito baça, bem feitos e bem dispostos, muito alegres de rosto, e bem assebrados; todos têm bons dentes, alvos, miúdos, sem lhe nunca apodrecerem. Têm as pernas bem feitas, os pés pequenos; trazem o cabelo sempre aparado, em todas as outras partes do corpo os não consentem e os arrancam como lhes nascem. São homens de grandes forças e de muito trabalho; são muito belicóses, e em sua maneira esforçados, e para

muito, ainda que atraíçoados; são muito amigos de novidades, e demasiadamente luxuriosos, e grandes caçadores e pescadores, e amigos da lavoura".

Entre as índias da aldeia Tupinambá destacava-se uma bela adolescente de 15 anos, Guapi, filha do valente morubi-châb Poxi, que seguira chefiando a expedição contra os Tupinaês.

Guapi era ágil, prestativa, perita tanto em trabalhos caseiros como na caça e pesca. Muitos índios da aldeia a cobijavam por mulher, principalmente Taúna, guerreiro valoroso, e que já se pusera a serviço de Poxi, como era de hábito, "fazendo a roça, pescando e caçando para os sogros, que desejavam de ter".

Enquanto na aldeia a vida seguia tranqüila, na selva, quilômetros adiante, a expedição Tupinambá, em tocaia, esperava o momento para se lançar sobre o inimigo.

"Depois de combater o inimigo à distância, durante um certo tempo - reporta A. Metraux em "L'Anthropophagie Rituelle des Tupinamba" - os guerreiros dos dois campos se precipitavam uns contra os outros, cada um se esforçando para desarmar o outro, e capturá-lo vivo. Como a captura do inimigo era proeza rigorosamente individual, a regra estabelecia que o prisioneiro pertencia ao primeiro que o tocasse".

"Antes de abandonar o campo de batalha - continua Metraux - despedaçavam-se os mortos e seus membros eram assados e comidos ali mesmo, ou então trazidos para a taba. Os Tupinambás também cortavam os órgãos genitais das mulheres e das crianças mortas durante o combate, depois entregues às mulheres da tribo, que os comiam durante as festas da vitória".

A vitória, outra vez mais, pertenceu aos Tupinambás, deixando na selva mortos e feridos. Entre os Tupinaês capturados vivos destacou-se um guerreiro de grande bravura, Acauê, filho do morubi-châb, aprisionado por Taúna, o pretendente de Guapi.

A proeza do índio, saudada ruidosamente pelos companheiros, repercutiu na região pela categoria do adversário, que era guerreiro temido e valente. Acauê, amarrado por quatro cordas, teve as mãos presas na cabeça.

A notícia da vitória Tupinambá chegou rapidamente à aldeia. Os aborígenes, em altos brados, iniciaram, então, os preparativos para triunfal recepção aos vencedores.

Quando, dias depois, estes chegaram, com seus prisioneiros, uma grande multidão aglomerou-se, em delírio, na ocara, celebrando o triunfo.

Também os cativos dançaram, agitando maracas, como era de praxe. Mas, orgulhosamente, proclamavam, sem covardia:

- "Partimos, vossos inimigos, para vos matar e comer. Festos os vencedores e nos aprisionados. Não lamentamos a sorte. Os verdadeiros guerreiros morrem na terra de seus inimigos. Mas nessa gente é grande e forte. Um dia nos vingará!"

Os Tupinambás, também com orgulho, replicavam aos derrotados:

- "Matastes nossos irmãos! Agora chegou a hora da vingança!"

Para manifestar, publicamente, júbilo e alegria, as índias, sobre-

tudo as mais idosas, começaram a bater a palma da mão na boca, gritando, cantando e dançando.

Depois, dando seguimento ao cerimonial apoteótico da recepção, os guerreiros Tupinambás confiaram os prisioneiros às mulheres que, ao som de flautas fabricadas com ossos de inimigos, mortos em combates anteriores, os levaram a uma grande cabana, exclamando raivosamente:

- "Vingamos os parentes e amigos que matastes e comestes!"

Na oca espaçosa os cativos repousaram por algum tempo. Mais tarde as índias voltaram, levando-os ao chefe da tribo. Após esta visita, realizada com cerimoniosa solenidade, eles foram tosquiados e tonsurados, selando-lhes definitivamente o cativeiro.

É notório, por ter sido narrado por historiadores e viajantes, o fato de todo inimigo, homem ou mulher, aprisionado em batalha, transformar-se em escravo do captor que, posteriormente, o executaria.

Também era habitual serem os prisioneiros, em homenagem especial de distinção, oferecidos a parentes e amigos. Assim ocorreu com Von Staden, presenteado como escravo ao tio do guerreiro que o aprisionara.

O tratamento privilegiado que, a partir das cerimônias iniciais, era tributado aos prisioneiros, contrastava, na verdade, com a explosão de ódio que os recepcionara na aldeia Tupinambá.

"O prisioneiro - esclarece A. Metraux no livro citado - tornava-se praticamente membro da tribo, gozando de regalias e privilégios. Tosquiado como um Tupinambá, nada lhe identificava a condição de escravo, a não ser o enfeite que lhe colocavam no pescoço, e que consistia em corda grossa e dura, da qual pendia uma franja feita de outras cordas pequenas e finas. O nó era de tal forma complicado que somente seu autor poderia desfazer. Segundo Thevet, o colar significava mais do que um simples símbolo de escravidão; era um verdadeiro calendário, onde cada pedaço de corda marcava os dias que faltavam para a execução do prisioneiro".

Integrados na vida tribal de seus captores, os prisioneiros Tupinambás chegavam a ter relativa liberdade de movimento. "Se algum deles tentasse escapar era imediatamente considerado como "couaue cum", isto é, um poltrão, covarde, que os próprios irmãos de tribo puniriam com a morte".

"Na realidade - prossegue Metraux - o prisioneiro passava a ser, provavelmente, considerado como não desvinculado de sua tribo, já que era assimilado pelos inimigos que o assenhorearam. Gandavo conta, sobre isso, que um cativo, a quem fora oferecida a liberdade, recusou-a, temendo ser desprezado e perseguido pelos parentes. O sentimento que animava os membros de uma comunidade a respeito daqueles que os venceram, permite-nos supor que deixavam de pertencer a seu grupo natural, passando a integrar o grupo tribal que os capturara".

Uma de suas primeiras obrigações consistia em limpar meticulosamente o túmulo do antigo morador da cabana que, provisoriamente, iam ocupar. Após a tarefa, tudo o que pertencera ao morto lhes era destinado: colares, enfeites de plumas, armas, provisões, etc.

Diz Soares de Sousa que "os Tupinambás lhe dão muito bem de comer, e lhe fazem bom tratamento, até que engordam, e estão estes cativos para se poderem comer, que é o fim que os engordam; e como os Tupinambás têm estes contrários quietos e bem seguros nas prisões, dão a cada um por mulher a mais formosa moça, que há na sua casa, com quem ele se agasalha, todas as vezes que quer, a qual moça tem cuidado de o servir, e de lhe dar o necessário para comer e beber, com o que cevam cada hora, e lhe fazem muitos regalos".

Para o filho do morubi-châb vencido, a filha do morubi-châb vencedor: a bela Guapi foi ofertada a Acauê, e com ele se agasalhou. Este facto provocou, evidentemente, grande desgosto em Taúna, que a pretendia por esposa.

Mas como as leis tribais eram inflexíveis e não podiam ser desrespeitadas, Guapi foi mulher de Acauê e a ele, depressa se afeiçoou.

"A mulher destinada a um escravo - explica ainda Metraux - passava a ser responsável por ele, cabendo-lhe a tarefa de vigiá-lo e engordá-lo, preparando-o para o sacrifício da morte".

Acauê, de fato, começou a engordar. Mas engordou feliz, tendo na rede uma mulher de notáveis encantos.

Não só a posse física, que os dois consentiam exaltadamente, como a convivência e a estima recíproca, ensejaram ao casal a descoberta do prazer, de afinidades e, principalmente, de um sentimento amoroso que depressa nele aprofundou o pesar e o sofrimento pela separação inevitável.

Taúna, atilado, notou as transformações que iam se operando em Guapi, e "como o ciúme segue o amor, como a sombra segue o homem", o temor de perdê-la começou a inquietá-lo, gerando o impulso eterno e temerário do ciúme. O mesmo que desesperou, entre outros, o desditoso Othelo, o infeliz Werther, a pungente Fedra e o sofrido Bentinho, que Capitu tanto afligiu.

Taúna, se era índio, também era homem. E esta contingência inevitável levou-o a conhecer amargamente o ciúme. Este, contudo, não o conduziu ao crime, como em Othelo, nem ao desatino, como em Fedra, pois, na verdade, dispunha de uma arma extremamente eficaz: a morte inexorável de Acauê.

A primeira providência que tomou para isso, foi de brilhante estratégia: conseguiu apressar o complicado cerimonial que, por tradição, antecedia o sacrifício do prisioneiro, como, por exemplo, a solene paramentação com vistosos mantos vermelhos de íbis, com os quais foi exibido publicamente em passeios pela aldeia, confirmando, com isso, sua condição de senhor, e de Acauê de cativo.

Durante essa solene caminhada pela taba, os Tupinambás divertiam-se muito, atirando na cabeça dos prisioneiros penas de papagaio, provando que nada poderia livrá-los da morte iminente. Uma alegria maligna dominava-os ao tocar as partes do corpo dos prisioneiros que, brevemente, iriam comer.

Outra cerimônia, também com a participação da alcatéia, consistia, segundo Thevet, na distribuição das tarefas para cada membro da tribo: a execução do prisioneiro, a tosquia dos cabelos, a pintura do corpo com tinta de genipapo, a colocação de enfeites e ornamentos tribais, a limpeza detalhada do prisioneiro ou, finalmente, a tarefa macabra de esquartejar e distribuir as partes escolhidas, antecipadamente, do corpo dos executados.

Não só aos índios, como também às índias, cabiam, igualmente, tarefas especiais no ritual fúnebre, como, por exemplo, a de alisar com fogo os cabelos dos condenados.

Participando, com suas companheiras, do cerimonial da festa antropofágica, Guapi sofria em silêncio, como se punisse a si própria. Acauê, o prisioneiro que ia morrer, fremia-lhe no corpo, pulsava-lhe no coração.

Guapi amava-o, sem saber que o que sentia era amor, enquanto outro instinto, forte e inquietante, insinuava-lhe que aquilo era coisa proibida, cheia de perigos.

Com o passar dos dias, o sofrimento da indiazinha transformou-se em angústia, e esta em surda revolta contra os costumes tribais, que também a sacrificavam.

Movida pelo desespero, certa noite propôs a Acauê libertá-lo. Mas o prisioneiro recusou, pois sabia que escapar ao sacrifício era coverdia e fraqueza.

Mas Guapi persistiu, passou à súplica, e seu tormento amoroso acabou por comover o guerreiro Tupinaê que, afinal, aceitou o plano da índia.

As fugas, na verdade, sucediam com certa freqüência entre os silvícolas, como, aliás, noticia Soares de Sousa:

"Mas também há algumas que lhe deram muito jeito para se acolherem e fugirem das prisões, que eles cortam com alguma ferramenta, que elas, às escondidas, lhes davam, e lhe foram por no mato, antes de fugir, mantimentos para o caminho".

Certa noite, burlando a vigilância dos Tupinambás, Guapi e Acauê abandonaram a aldeia e se embrenharam na selva.

Pela manhã a fuga do casal foi descoberta e provocou na aldeia um sentimento unânime de repulsa e indignação. Poxi convocou, incontinenti, o conselho dos principais e, após condenar energicamente o procedimento da filha, ordenou implacável perseguição aos fugitivos.

A notícia da fuga também chegou rapidamente aos Tupinaês, neles provocando idêntica reação, já que Acauê havia infringido as leis tribais, ofendido a honra da raça e revelado tibieza, envengonhando sua gente.

Da aldeia Tupinaê partiu também uma expedição destinada a recapturar o fugitivo, disse resultando, como se vê, uma dupla e perigosa perseguição, capaz de colocar novamente em confronto as duas tribos.

Ao tentar escapar da morte inevitável, Guapi e Acauê nada mais faziam do que provocá-la com mais força, atraindo perseguidores movidos pe-

lo ódio ancestral, agora irmanados no impulso vingativo, capaz de redimir-lhes a honra ultrajada.

Os dois amantes, optando pela fuga, assumiam deliberadamente o gesto de heroísmo e leucura, fortalecidos pelo amor e a vontade tenaz de viver.

Conscientes de que sua gente viria a seu encalço, Guapi e Acauê viajaram dia e noite, apagando os vestígios de sua passagem, seguindo caminhos difíceis, penetrando na selva espessa, transpõe rios e toda espécie de obstáculos.

Também seus perseguidores, que possuíam sentidos extremamente apurados, conheciam os mistérios da selva e as artimanhas do despistamento; acabaram por descobrir o rastro dos fugitivos, seguindo-os de forma implacável.

Acuados como animais, famintos, exaustos, o corpo rasgado por espinhos, Guapi e Acauê acabaram, afinal, sendo recapturados pelos Tupinambás. Amarrados, em petição de miséria, foram levados de volta à aldeia.

A captura e o regresso dos dois fugitivos desencadearam na tribo um grande tumulto.

Normalmente, com a prisão de fugitivos, informa Metraux, "a mulher era agoitada e, não raras vezes, morta e deverada por sua gente. Quanto ao homem, cessava de pertencer a seu captor, passando a bem comum da tribo. Sua execução, em consequência disso, era antecipada".

Só a condição de filha de morubi-châb impediu que Guapi fosse executada. Espancaram-na publicamente, como castigo, e seus pais a repudiaram, dando início ao ritual antropogágico de que nos iremos ocupar, a seguir.

Esse ritual, como se sabe, empolgou vários historiadores e viajantes de Portugal e de outros países europeus, como Cardim, Soares de Sousa, Frei Vicente de Salvador, Von Staden, Thevet, Léry, Claude D'Abbeville, Yves d'Evreux, Pigaletta e Gandevo.

Segundo o detalhado relato que deixaram, em prolífera historiografia do canibalismo no Brasil, imediatamente à fixação da data da execução de Acauê e de outros prisioneiros Tupinambás, mensageiros foram enviados às aldeias vizinhas, convidando seus habitantes para a festa.

A confecção da corda, chamada de mucarana, com a qual se amarravam os prisioneiros, foi o primeiro ato dos preparativos. Esse minucioso trabalho artesanal era tarefa dos velhos, e a ele se emprestava um respeito quase religioso.

Simultaneamente com a preparação da mucarana, também se fabricava o tacape, que golpearia violentamente o crânio do prisioneiro.

Esta arma era decorada, na parte inferior, com um mosaico de palha e, na ponta, com enfeites chamados de atarabébé, confeccionados com diversos tipos de plumagens.

Enquanto isto, as mulheres se ocupavam com a fabricação de diversos vasos de diferentes formas e dimensões, também decorados com extremo cuidado.

"Durante o tempo desses preparativos - esclarece ainda Metraux - o prisioneiro vivia como se nada de anormal estivesse ocorrendo".

Um dos rituais preliminares da execução consistia em conduzir o cativo, escoltado por mulheres, ao centro da aldeia. Ali, ao som de tambores e maracas, os índios dançavam em sua volta.

Quando os convidados começaram a chegar, as danças ganharam grande animação. Poxi, o austero morubi-châb, reverenciava sua presença com uma saudação solene e macabra:

- "Sois nossos irmãos, viestes ajudar-nos a comer os inimigos. Assim nos vingaremos dos Tupinaês, festejando sua morte".

Depois os visitantes foram convidados a participar de uma beberagem muito apreciada, após o que, verdadeiramente, tinha início o cerimonial canibalesco.

Em primeiro lugar, uma comissão trazia, em meio a altos brados, a corda com a qual os prisioneiros seriam amarrados.

Depois de pintada com uma camada embranquiçada, semelhante a cal, a corda era posta a secar em forquilha.

Um índio de grande perícia, geralmente o mais idoso da tribo, segundo Thevet, dava na corda nós extremamente complicados, enquanto os assistentes batiam palmas e soltavam gritos de alegria. A muçarana era, em seguida, colocada num vaso e levada à choça do prisioneiro. Só depois disso transportava-se a futura vítima para uma cabana especial, construída na parte sul da taba, dentro da qual uma rede estava estendida. Ali o cativo era tosquiado e seu corpo coberto por tinta de genipapo.

Logo em seguida, um grupo de índias, jovens e idosas, chegava para espargir, no interior da choça, tinta preta no corpo dos condenados.

Entre as índias, designadas para cuidar de Acauê, incluía-se Guapi, escolhida deliberadamente, como exemplar castigo.

Assim que o corpo do cativo ficava coberto de tinta preta, as índias iam deitar-se em redes próximas, ali entoando cânticos durante toda a noite, exprimindo ódio e desprezo, alardeando, com monotonia exasperante, sua morte próxima.

Guapi, o rosto marcado pelo sofrimento, também maldizia o homem que amava, e cujo fim apressara, involuntariamente. Enquanto cantava, a poucos passos de Acauê, fitava-o com os olhos dilacerados pelo tormento.

Simultaneamente, noutro canto da aldeia, os Tupinambás reuniam-se numa grande construção, com o corpo coberto com toda espécie de desenhos, fixados com tinta de genipapo, além de plumas vermelhas e fragmentos de casca de ovos verdes presos em camadas de resina.

Durante a noite inúmeros aborígenes dançavam ininterruptamente de choça em choça, inclusive naquelas onde os cativos estavam confinados.

Na manhã seguinte grupos de Tupinambás percorreram as imediações da taba, recolhendo bambus, altos como lança, que iam fincar em círculo na ocara, criando uma espécie de choça cônica que depois incendiavam em meio a enorme alarido.

Os prisioneiros eram, então, colocados próximos aos Tupinambás que

dançavam, cantavam e, vez e outra, lhes arremessavam tudo que estivesse a seu alcance.

No terceiro dia dos preparativos, toda a tribo voltou a concentrar-se na praça, recomeçando a dançar ao som de búzios, batendo com os pés no chão, em ritmo forte e cadenciado.

No quarto dia os prisioneiros foram conduzidos à margem de um rio e nele cuidadosamente lavados.

Além do banho, os Tupinambás depilaram-lhes inteiramente os corpos. A cerimônia seguinte foi desta forma descrita por Claude D'Abbeville:

"Desamarraram o prisioneiro um dia ou dois antes de sua execução, e o deixaram livre por algum tempo. Assim que a corda que o detinha pelos pés se soltou, os Tupinambás gritaram:

- "Eecain!"

"Isto significava que "podia ir embora", que "estava livre". O prisioneiro partia, então, em desabalada correria pelo campo. Mas os Tupinambás, como cães seguindo uma corça, partiam rapidamente em sua perseguição, agarrando-os mais adiante".

"Da mesma forma que o guerreiro adquiria novo nome ao aprisionar um inimigo em batalha, também o índio mais veloz, o primeiro a agarrar o cativo, passava a usar outro nome, como um título de honra".

Trazido de volta à aldeia, o prisioneiro presenciava a chegada de diversas índias com uma corda pintada de branco e guardada em vaso finamente decorado. Esta corda era amarrada no pescoço do prisioneiro, enquanto as índias entoavam cânticos relativos à cerimônia, dizendo, em intervalos espaçados:

- "Nem que você fosse um papagaio conseguiria escapar!"

Obrigando o condenado a caminhar pela praça, os Tupinambás permitiam que apanhasse do chão frutos de genipapo e os arremessasse contra seus captores, raivosamente.

Depois que se fartavam desta curiosa forma de brincadeira, os Tupinambás reconduziam os cativos às choças, onde grupos de índias já os aguardavam, adornadas com plumas e penas de avestruz. Divididas em grupos de quatro, passavam diante dos prisioneiros batendo a palma da mão na boca. Iam, em seguida, à praça, perseguindo-se umas às outras.

Por volta das cinco horas da tarde os prisioneiros, ao som de tambores e maracas, eram conduzidos às cabanas provisórias, erguidas num canto da taba.

Trazia-se, então, com religiosa solenidade, a espada-tacape que seria usada no sacrifício, além de dois potes onde estavam guardados fios de algodão, plumas e resina para sua decoração.

Iniciando sua hierática consagração, cobria-se a espada de camadas de mel, ou resina, sobre as quais eram espalhados fragmentos de ovos verdes de macucara e pedaços de mariscos que, segundo a crença dos silvícolas, possuíam poderes mágicos.

Este solene e pictórico revestimento parecia conferir virtudes

especiais à arma, pois antes de partir para as batalhas os Tupinambás invariavelmente a revestiam com a pintura sagrada.

Assim que a arma ficou pronta, foi posta a secar e, em seguida, levada respeitosamente ao interior de uma cabana, pouco antes esvaziada de gente e objetos.

Um grupo de mulheres passou, então, a montar guarda a noite inteira em sua volta, dançando e cantando versos profundamente tristes, ritmados ao som dos atabaques. Segundo a mitologia indígena, destinava-se a música a adormecer a clava sagrada.

As mesmas mulheres que, anteriormente, ornamentaram o tacape, dedicaram-se a preparar a toalete dos prisioneiros.

Guapi, outra vez, integrou o grupo responsável por Acauê, cujo corpo, novamente depilado, foi revestido de mel e resina, sobre os quais colaram-se plumas, cascas de ovos de macucara e tinta preta, enquanto os pés eram tingidos de urucu.

Ao anoitecer os índios Tupinambás foram beber o "caouin". Pouco antes, haviam levado os prisioneiros à praça e lá obrigados a dançar ao som de maracas.

Animados pela bebida, em pouco tempo puseram-se os Tupinambás a dançar a tradicional "dança dos bichos", interrompida, subitamente, pelos cativos que lhes atiravam toda sorte de objetos.

Depois dessa demonstração de hostilidade, os prisioneiros foram reconduzidos à cabana provisória e amarrados em estacas. A partir daquele instante não entravam em nenhuma ^{outra} morada e passavam a alimentar-se exclusivamente de um fruto com gosto de noz, cuja ingestão lhes impedia o derramamento de sangue após a execução.

Durante toda a noite, estendidos em redes, a cabeça presa pela muçarana, foram severamente vigiados.

Para manifestar o desprezo pela morte, passaram os cativos a entoar um cântico cujo texto Thevet guardou em seu manuscrito:

- "Minha gente é forte e poderosa. Ela aprisionou e cemeu muitos dos vossos. Ela virá, brevemente, nos vingar, pois é valente e não vos teme!"

Demonstrando a mais completa indiferença pelas ameaças dos Tupinambás, os Tupinambás continuaram tranqüilamente a beber, a gritar e cantar estrepitosamente.

A execução dos prisioneiros realizava-se, geralmente, no quinto e último dia.

O solene e terrível cerimonial do sacrifício iniciava-se com as índias que, ao alvorecer, penetravam na cabana onde a espada-tacape estivera guardada. Naquele local cantavam e dançavam em honra da arma sagrada.

Depois disso, despertavam os prisioneiros e destruíam a cabana provisória que os acolhera. Sete ou oito das índias mais idosas recebiam os condenados à porta da cheça e os conduziam ao local da execução, si-

tuado no centro da taba.

No manuscrito de Thevet informa-se que, na escolta dos cativos, faziam parte os aborígenes que transportavam a muçarana sobre ramos e folhas, dançando e cantando com jubilosa alegria.

Aleçando o local do sacrifício, os Tupinambás, trajando impressionante ornamentação tribal, estendiam os cativos no chão e os despojavam da corda no pescoço, prendendo-a solidamente à cintura. Em seguida, as mulheres que se haviam acasalado com os cativos, vinham fazer-lhes uma derradeira carícia. Depois se afastavam, com falsas demonstrações de pesar.

Guapi aproximou-se trêmula de Acauê. Em lugar do gesto maquinal e frio das companheiras, a filha do morubi-châb, muda, afagou com ternura e sofrimento o rosto, os cabelos, o peito, as pernas, o pênis e os pés de Acauê. Depois se afastou, dilacerada pelo sofrimento.

Fizeram então os prisioneiros um último passeio pela aldeia, vangloriando-se de suas proezas e dizendo altivamente aos Tupinambás:

- "Também já amarrei e abati vossos pais e irmãos!"

Outros gritavam, com voz potente, cheios de orgulho:

- "Comi vossos pais, matei e moqueei vossos irmãos. Minha gente saberá vingar minha morte!"

Os Tupinambás, impassíveis, conscientes da superioridade, estendiam aos cativos frutos endurecidos, pedras e cacos, dizendo-lhes:

- "Vinga-te antes de morrer!"

As vítimas, então municadas, alvejavam com fúria os captores, enquanto as índias se agitavam por perto, com gestos que exprimiam a certeza de que, dentro em pouco, seriam devorados.

Quando não tinham mais nada o que lançar, os prisioneiros arrancavam como feras punhados de terra e grama, lançando-os contra os inimigos, esbravejando com ódio.

Assim que a cerimônia chegou ao fim, surgiram na praça índias pintadas de preto e vermelho, trazendo colares confeccionados com dentes humanos. Dançando, cantando e batendo com as mãos em vasos recém-pintados, destinados a recolher o sangue e as entranhas dos executados, aproximaram-se deles com sinistra intenção.

Acendiam-se, então, fogueiras no local da execução e, logo em seguida, entravam solenemente na praça os guerreiros com tacapes de ponta virada para cima.

Vestiam belos paramentos, trazendo bonés de plumas na cabeça, diadema vermelho na fronte, braceletes e jarreteiras de penas em braços e pernas, colares de mariscos no peito. De sua cintura pendia um grande feixe de plumas de avestruz, e dos ombros descia um esplendoroso manto de penas de íbis. Tinham o rosto pintado de vermelho, enquanto o resto do corpo era acinzentado.

Chegara-se, afinal, ao instante da execução. Para abater Acauê fora escolhida Taúna, seu captor.

Quando o guerreiro surgiu na praça, precedido de vistosa escolta,

Guapi estremeceu, observando o prazer maligno ^{de seus} ~~que lhe endurecia~~ os olhos.

Juntamente com os outros carrascos, Taúna fez a volta da praça cantando e se contorcendo, rolando os olhos de forma estranha, imitando com as mãos o vôo do falcão, pronto para se abater sobre a presa.

Aproximou-se de Acauê e aguardou a chegada de um velho índio, de grande reputação de bravura, a quem entregou solenemente o tacape.

O velho, com notável perícia, rodepiou a arma nos braços e pernas, movimentou-a sobre a cabeça do prisioneiro e, com idêntica solenidade, devolveu-a a Taúna.

O guerreiro então se dirigiu ao cativo:

- "És da nação Tupinaê, nossa inimiga? Mataste e comeste nossos pais, nossos irmãos e amigos?!"

Acauê respondeu, com voz firme:

- "Pa xe tan tan ajuce alupare" ("Sim. Sou um valente guerreiro").

Então Taúna acrescentou:

- "Agora estás em meu poder e serás executado! Depois te comermos!"

Acauê, digno, erecto, retrucou com desdenhosa indiferença:

- "Não tenho medo! Minha gente depois me vingará!"

Taúna via, à sua frente, aguardando a morte, um guerreiro de grande bravura, consciente de que também o carrasco que o iria executar era bravo e corajoso.

Ambos se fitaram, em silêncio, com orgulho e dignidade; um pronto para matar, outro para morrer.

O ritual fora cumprido e uma grande expectativa pairou sobre toda a aldeia.

Pouco adiante, pálida, dilacerada, Guapi era ^a ~~uma~~ espectadora impotente dos últimos instantes do homem que amava.

Quando Taúna ergueu a clava, Guapi baixou os olhos, como se também fosse morrer.

O tacape desceu com força sobre a cabeça do prisioneiro, que tomou morte, sem um gemido. E assim sucedeu, quase que simultaneamente, com os outros cativos.

Ergueu-se, então, em toda a alcatéia, um grande alarido. As velhas se precipitaram, excitadamente, para recolher numa cuia o sangue quente dos executados, que depois beberam com sofreguidão.

De todos os lados surgiram velhos com água quente, com a qual esfregaram e escaudaram os cadáveres, arrancando-lhes a pele, deixando-os brancos como leitões.

Cortados os membros e entregues às velhas, que os levaram correndo às choças, entre gritos de alegria, fez-se uma incisão no estômago e as crianças vieram animadamente puxar os intestinos.

Procedeu-se, depois, ao esquiteamento do tronco, entalhado pelo dorso, e cujos pedaços foram assar no moquém, diante da frenética agitação das velhas, que provavam a gordura da carne dizendo "Iguatu", que significava "está muito bom".

Nenhuma parte do corpo se perdia: as entranhas eram cozidas na água e comidas pelos homens; o caldo bebido pelas mulheres; a língua, o cérebro e outras partes pertenciam aos jovens; a pele da cabeça aos adultos; os órgãos sexuais às mulheres.

Certas partes, consideradas "nobres", eram destinadas aos convidados, que as comiam com grandes demonstrações de reconhecimento.

Crianças vieram tocar os cadáveres, molhando as mãos no sangue e ouvindo os adultos que diziam:

- "Vinga-te também, criança, pois aqui está um que te fez órfão de pai!"

Enquanto os homens lambuzavam o corpo no sangue dos mortos, mulheres grávidas espargiam a ponta dos seios, pois acreditavam que, procedendo desta forma, teriam filhos fortes e valentes.

Durante todo o ritual antropofágico, Guapi, muito abalada, conservou-se num canto, sofrendo em silêncio.

Quando, à certa altura, seu pai a chamou, estremeceu, aproximando-se, submissa.

Poxi mandou que se sentasse diante do corpo de Acauê. Ela obedeceu.

Depois o morubi-châb arrancou do corpo esquartejado do Tupinaê o coração, que moqueou. Em seguida, com expressão irretrucável, entregou-o à filha, dizendo:

- Coma!

Guapi estremeceu e ficou mais lívida ainda. Mas, obediente, apanhou o coração de Acauê e, vagarosamente, comeu-o no grande silêncio que se fez.

Depois Poxi mandou que se afastasse, e a festa antropofágica recomeçou.

Ninguém mais se preocupou com a jovem índia.

Guapi então se afastou furtivamente, deixou a aldeia, ganhou a selva e caminhou durante longo tempo, até chegar ao sopé de um morro.

Ali corria bucelicamente um regato, no qual se banhou.

Depois, já ao anoitecer, começou a escalar a montanha, ouvindo, afastados, os ruídos do festim canibalesco.

Quando alcançou o cume já era noite alta. De lá avistou um panorama majestoso do vale, da selva e do mar.

Guapi foi estender-se sob o tronco de uma grande árvore. E ali ficou, imóvel, esperando a morte.

Quando começou a agonizar, morrendo de inanição, balbuciou, com voz débil:

- Acauê... Acauê...

A última coisa que avistou, antes de expirar, foi um bando de corvos que pousaram nos galhos da árvore, esperando o momento para também deverar-lhe a carne.